

Guia  
de uma  
ciclista  
em  
Kashgar



Guia  
de uma  
ciclista  
em  
Kashgar

SUZANNE JOINSON

TRADUÇÃO DE VERA WHATELY



Copyright © Suzanne Joinson, 2012  
Mapa da página 8 © John Gilkes, 2012  
Ilustrações das aberturas de capítulo © Sarah Greeno, 2012

TÍTULO ORIGINAL  
A Lady Cyclist's Guide to Kashgar

PREPARAÇÃO E REVISÃO DE TRADUÇÃO  
Julia Sobral Campos

REVISÃO  
Fatima Amendoeira Maciel

DIAGRAMAÇÃO E ADAPTAÇÃO DE CAPA  
ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J65g

Joinson, Suzanne.

Guia de uma ciclista em Kashgar / Suzanne Joinson ; tradução de  
Vera Whately. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2013.

272 p. : 23 cm

Tradução: A lady cyclist's guide to Kashgar

ISBN 978-85-8057-327-5

1. Mulheres - Condições sociais - Século XX 2. China - Mulheres  
- Ficção 3. Ficção inglesa I. Whately, Vera. II. Título.

13-1386.

CDD: 823

CDU: 821.111-3

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99/3ª andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Ben



Aqui termina a jornada dos pássaros, nossa jornada, a jornada das palavras; e depois de nós haverá um horizonte para os novos pássaros.

Nós somos aqueles que forjam o cobre do céu, o céu que esculpirá estradas

depois de nós e fará reparações com nossos nomes acima das distantes encostas de nuvens.

Em breve faremos a descida da viúva pelos campos da memória e ergueremos nossa tenda aos ventos finais: soprem, para que o poema viva, e soprem

na estrada do poema. Depois de nós as plantas crescerão mais e mais nas estradas sobre as quais apenas nós caminhamos e que nossos passos inauguraram.

E gravaremos nas pedras finais: “Vida longa à vida, vida longa à vida”,

e cairemos dentro de nós mesmos. E depois de nós haverá um horizonte para os novos pássaros.

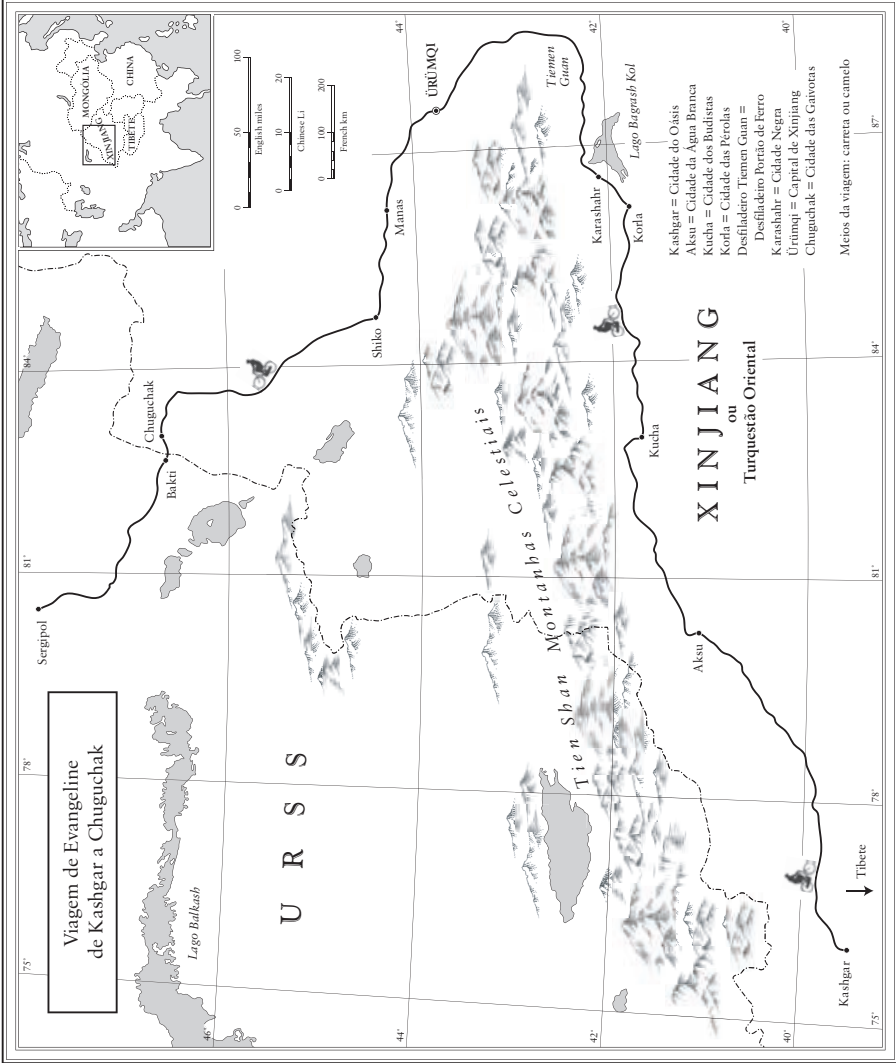
*“Here the Birds’ Journey Ends”,*  
de Mahmoud Darwish

As aves dos céus levarão a voz, e uma criatura alada dará notícia da palavra.

Eclesiastes 10:20









Algumas coisas para lembrar: *Estude o país por onde vai viajar e as estradas, entenda seu mapa, conheça sua rota, sua direção geral etc. Observe sempre o caminho por onde passa; mantenha um caderno de notas e escreva nele tudo que for interessante.*

Maria. E. Ward, *Bicycling for Ladies*, 1896

## Guia de uma ciclista em Kashgar — Notas

*Kashgar, Turquestão Oriental, 1<sup>o</sup> de maio de 1923*

Relato tristemente que nem mesmo o *Bicycling for Ladies* — COM SUGESTÕES PARA A ARTE DE PEDALAR — CONSELHOS PARA INICIANTEs — ROUPAS — CUIDADO COM A BICICLETA — MECÂNICA — TREINAMENTO — EXERCÍCIOS ETC. ETC. — poderá me ajudar nessa atual situação: nós temos um problema.

É melhor começar com os ossos.

Eles estavam escaldados, clareados ao sol, como pequenas flautas, e eu pedi que o carreteiro parasse. Era início da noite. Ansiosas para chegar ao nosso destino, havíamos viajado, da forma inglesa, durante a parte mais quente do dia. Eram ossos de pássaros, empilhados em frente a um tamarindeiro, e suponho que meu destino pudesse ser lido nos desenhos que eles formavam na areia, se eu soubesse como fazê-lo.

Foi então que ouvi um grito. Um barulho atroz vindo de trás de um monte de troncos secos de choupos, cuja presença não aliviava em nada a natureza desolada daquela planície deserta em particular. Desci da carreta e olhei para trás, procurando Millicent e minha irmã Elizabeth, mas não consegui ver nenhuma das duas. Millicent prefere andar a cavalo a de carreta, pois é mais fácil parar quando ela deseja fumar um cigarro Hatamen.

Nas cinco últimas horas, nossa estrada havia descido através de uma bacia seca, com a parte mais baixa pontilhada por tamarindeiros emergindo de montinhos de areia fina e esvoaçante acumulada em volta das suas raízes; e então, esses choupos secos.

Caules retorcidos de *saxauls* de casca cinza subiam pelos troncos, e por trás dessa trepadeira havia uma menina de joelhos, curvada para a frente, fazendo um barulho tão extraordinário que mais parecia um urro. Sem pressa, o carreteiro se colocou ao meu lado e ficamos observando-a enquanto ele chupava uma lasca de madeira — insolente e matreiro como toda a gente do seu tipo — sem dizer nada. A menina ergueu os olhos em nossa direção. Devia ter uns dez ou onze anos de idade, com uma barriga redonda como um melão Hami. O carreteiro ficou simplesmente encarando-a e, antes que eu pudesse, falar ela caiu para a frente, de cara no chão, com a boca aberta como que para comer a poeira, ainda gemendo de forma desconcertante. Atrás de mim ouvi os cascos do cavalo de Millicent passando pelo caminho de pedras soltas.

— Ela está em trabalho de parto — falei, adivinhando.

Millicent, nomeada nossa líder, representante da Ordem Missionária de Steadfast Face — nossa benfeitora —, levou um século para apear. Horas de viagem haviam claramente enrijecido seu corpo. Insetos zumbiam à nossa volta, atraídos pelo calor que ficava mais brando. Fiquei observando Millicent. Nenhuma visão podia ser mais incongruente no deserto do que ela, desmontando desajeitadamente do cavalo, com o nariz imponente cortando o ar, e um grande anel de rubi no dedo em desacordo com o resto da indumentária masculina.

— Tão nova, ainda uma criança.

Millicent se abaixou e sussurrou para a menina em turcomano. Suas palavras provocaram um grito, e então, soluços terríveis.

— Está nascendo. Creio que vamos precisar de fórceps.

Ela mandou o carreteiro trazer a carreta com os suprimentos e ficou remexendo nos nossos pertences, à procura do kit médico. Enquanto fazia isso, percebi que um grupo de mulheres, homens e crianças — talvez uma grande família — vinha na nossa direção, fazendo sinais e acotovelando-se espantados ao nos ver, demônios estrangeiros de cabelos da cor da espiga de milho, ali de pé, tão reais quanto qualquer outra coisa em seu caminho. Millicent ergueu os olhos para eles, e então usou seu tom de missionária:

— Afastem-se e deem espaço para nós, por favor.

Nitidamente chocados com suas palavras precisas, ditas tanto em chinês quanto em turcomano, ajeitaram-se como que para posar para uma foto, e só se calaram quando a menina ficou de quatro na terra e gritou alto o bastante para matar árvores.

— Eva, segure a menina, depressa.

A criança chorosa, cuja barriga dilatada era uma abominação, olhou-me como um gato selvagem babando, e eu não queria encostar nela. Apesar disso, ajoelhei-me no chão de terra ao seu lado, coloquei sua cabeça entre meus joelhos e tentei acarinhá-la. Ouvi Millicent pedir ajuda a uma idosa, mas a bruxa encolheu-se como se o contato conosco pudesse contaminá-la. Com o rosto desesperado da menina enterrado contra as minhas pernas, senti uma umidade vindo de sua boca, ela possivelmente tentava me morder, mas de repente conseguiu se soltar e caiu de volta no chão. Millicent se debateu com ela e conseguiu virá-la de costas. A menina deu gritos lancinantes.

— Segure a cabeça dela — disse Millicent.

Tentei imobilizá-la enquanto Millicent abria seus joelhos e empurrava-os para baixo com os cotovelos. O pano em torno de sua virilha saiu facilmente.

Minha irmã ainda não havia chegado. Ela também prefere andar a cavalo para poder entrar quando quiser no deserto e “fotografar a areia”. Acredita que é capaz de avistá-Lo nos grãos de areia e nas dunas. *E a miragem tornar-se-á em lago, e a terra sedenta em mananciais de águas; e nas habitações em que jaziam os chacais haverá erva com canas e juncos.* Ela canta essas e outras palavras com a voz aguda peculiar que adquiriu desde que foi inteiramente possuída pelas forças da religião. Olhei em volta, procurando por ela, mas foi inútil.

Ainda agora posso ouvir aqueles gritos angustiados e medonhos de quando Millicent enfiou o dedo na carne da menina, fazendo espaço para introduzir o fórceps, até seu pulso ficar molhado com uma mistura de sangue com outro líquido.

— Nós não devíamos fazer isso — orientei. — Vamos levá-la para a cidade, deve haver lá gente mais experiente que nós.

— Não há tempo. O Cristo misericordioso velará por nós, seus servos, e nos resguardará — disse Millicent sem olhar para mim — do medo e dos maus espíritos, que tentam destruir o trabalho de Suas mãos.

O fórceps foi empurrado para dentro e ouviu-se um grito agudo e branco como um assassinato.

— Senhor, alivie as agruras da nossa gestação — orou Millicent, dando puxões enquanto pedia —, e nos conceda força e coragem para darmos à luz, e facilite isso com Sua ajuda todo-poderosa.

— Nós não devíamos fazer isso — repeti.

O cabelo da menina estava úmido e seus olhos estavam cheios de pânico, como um cavalo em uma tempestade. Millicent pôs a própria cabeça para trás

para que seus óculos recuassem em seu nariz. Depois, com um movimento rápido, como se puxasse uma âncora, uma criatura vermelho-azulada deslizou para fora com um jato de uma substância aquosa, e foi apanhada como um peixe pelas mãos de Millicent. O sangue da jovem mãe formou rapidamente uma meia-lua na areia. Millicent encostou sua faca no cordão umbilical.

Nesse momento Lizzie chegou, com a câmera Leica na mão, vestida com nosso uniforme — calça de cetim preto coberta por uma saia de seda azul-escura e um casaco chinês de algodão preto. A bainha da saia estava suja da terra rosa que cobre tudo por aqui. Ela ficou parada, observando a cena à sua frente como uma menina perdida que se depara com uma feira.

— Lizzie, traga água.

A faca de Millicent separou para sempre o bebê da mãe, que estremeceu, balançando a cabeça para trás enquanto o bebê-peixe chorava alto, exigindo que o deixassem entrar no paraíso. A meia-lua continuava a crescer.

— Ela está perdendo muito sangue — disse Millicent.

O rosto da menina virara para o lado; ela já não se debatia.

— O que podemos fazer?

Millicent começou uma oração bem baixinho que não pude ouvir muito bem sob o choro do bebê.

— Devíamos tirá-la daqui, pedir ajuda — falei, mas Millicent não respondeu.

Assisti enquanto ela levantava a mão da mãe. Ela sacudiu a cabeça, mas não olhou para mim.

— Millicent, não.

Minha fala foi inútil, mas eu não podia acreditar: uma vida desaparecera à nossa frente, nas rachaduras do deserto, como um simples movimento das nuvens. Imediatamente, nossos espectadores atônitos começaram a se manifestar.

— O que eles estão dizendo, Lizzie? — gritei.

O sangue continuava a escorrer por entre as pernas da menina, uma maré esperançosa à procura de um litoral. Lizzie olhou para as marcas vermelhas no pulso de Millicent.

— Estão dizendo que matamos a menina — explicou —, e que roubamos seu coração para nos protegermos das tempestades de areia.

— O quê?

Os rostos na multidão ousaram se aproximar de mim, precipitando-se em minha direção, colocando as mãos de unhas pretas em mim. Empurrei aquelas mãos.

— Estão dizendo que matamos a menina para nos dar força, e que planejamos roubar o bebê para comê-lo — Lizzie falou depressa, com aquela voz aguda e estranha.

Sua capacidade de entender aquela impenetrável língua turcomana era muito maior do que a minha.

— Ela morreu no parto, de causas naturais, como todos vocês podem muito bem ver — gritou Millicent inutilmente em inglês, repetindo depois em turcomano.

Lizzie foi buscar água nos nossos cantis e um cobertor.

— Estão exigindo que sejamos executadas.

— Bobagem — disse Millicent, pegando o cobertor da mão de Lizzie, e ficaram ali, juntas; damas com sua criada.

— Agora, quem vai ficar com o bebê? — perguntou Millicent, erguendo bem alto o recém-nascido que berrava, como se se tratasse de uma cabeça decapitada.

Não se ouviu um som daqueles rostos incrédulos que a observavam.

— Quem é responsável por essa menininha? Há algum parente por aí?

Eu já sabia. Ninguém a queria. Ninguém naquela multidão sequer olhou para a menina no chão, ela própria uma criança, nem para o sangue que se tornava terra. Insetos já caminhavam por suas pernas. Lizzie estendeu o cobertor e Millicent embrulhou aquele furioso pedaço de pele e osso que ainda chorava, fazendo com ele um pacote. Sem dizer uma palavra, passou o embrulho para mim.

Fomos então “escoltadas” pelo mais velho da família e seu filho até os portões da cidade de Kashgar onde, como que por uma forma mágica de comunicação, já haviam sido avisados da nossa chegada. A Corte dos Magistrados estava aberta, apesar de ser fim de tarde, e um oficial chinês veio nos ver, pois, embora aquela fosse uma área muçulmano-turca, era administrada pelos chineses. Nossas carretas foram vasculhadas, nossos pertences, examinados. Tiraram minha bicicleta do fundo da carreta, e tanto ela como nós, suponho, atraíram uma grande multidão. Bicycletas raramente são vistas por aqui, e uma mulher pedalando é simplesmente inimaginável.

Millicent explicou:

— Nós somos missionárias, absolutamente pacíficas. Quando nos aproximávamos da sua cidade, deparamos-nos com a jovem mãe. — Depois disse baixinho para nós: — Sentem-se imóveis como o Buda. Indiferença é a melhor coisa em situações como essa.

O crânio do bebê era uma coisa curiosa e quente em minha mão, nem macio, nem duro; uma concha almofadada repleta de sangue novo. Era a primeira vez que eu segurava no colo um bebê tão novo, uma menininha. Enrolei-a no cobertor, bem apertado, e encostei-a no meu corpo numa tentativa de acalmar os punhos irritadiços e o rosto vermelho-arroxeadado de uma alma raivosa que urrava de indignação e terror. Depois de um tempo, ela caiu no sono, exausta. Eu a examinava

a todo instante, com medo de que ela morresse. Esforçávamo-nos para ficar imóveis, tanto quanto possível. Havia murmúrios e discussões no rápido dialeto local. Millicent e Lizzie sibilaram para mim:

— Cubra o cabelo.

Ajeitei meu lenço rapidamente. Meu cabelo, como o de minha mãe, é de um ruivo brilhante, e nessa região isso parece ser um acontecimento. Durante a última etapa da nossa viagem de Osh para Kashgar, os homens em particular me olhavam de boca aberta como se eu estivesse nua, como se estivesse rebolando diante deles com asas nas costas e anéis de prata no nariz. Nas aldeias, as crianças corriam em minha direção, apontando, depois se afastavam com medo, até que cansei disso e cobri a cabeça como se fosse uma maometana. Isso funcionou, mas o lenço escorregara durante o tumulto na terra.

Millicent traduziu para nós: devido às acusações das testemunhas, seríamos julgadas, acusadas de assassinato e bruxaria (ou de invocar demônios). Ou melhor, ela seria julgada. Pois fora ela quem levantara o bebê para o alto e usara a faca para cortar o cordão umbilical da menina.

— Teremos de subornar essa gente para sair dessa situação — disse Millicent baixinho, com o rosto tão rígido quanto a terra calcinada do deserto.

— Nós lhes daremos dinheiro — falou, com a voz calma e clara —, mas teremos de mandar uma mensagem para as pessoas que nos financiam em Xangai e Moscou, o que levará alguns dias.

— Vocês serão nossas hóspedes — respondeu o oficial. — Nossa grande cidade de Kashi terá prazer em recebê-las.

Fomos, portanto, forçadas a permanecer nessa área coberta de terra rosa e poeirenta. Não exatamente em “prisão domiciliar”, mas, visto que temos de pedir permissão para sair do domicílio, confesso que não vejo a diferença.





## Londres, nos dias atuais

### *Pimlico*

Acender as velas aromáticas fora um erro; agora, a sala cheirava a floresta sintética de pinho. Frieda apagou todas elas, soprando uma após outra com força exagerada. Era uma hora e vinte da madrugada. Fechou a janela, descendo o painel de vidro com uma pancada, e olhou-se no espelho. Seu colete de seda era da cor do interior de uma concha — prateado e fresco, tremeluzente — e aquele tom perolado deixava-a desbotada. Olhou em torno à procura de um cardigã e despejou na pia a garrafa de vinho que abrira — para que ele respirasse — e observou o líquido cor de sangue descer pelo ralo. Agora ele podia respirar o quanto quisesse. Pelo cheiro, o vinho era bem rascante, de qualquer forma. *Pelo menos não cozinhei para ele.* Olhou para o telefone em cima da mesa. Nenhuma ligação, nenhuma mensagem de texto, nada.

Considerou vagamente a ideia de tomar um banho de banheira, mas não tinha energia para a submersão, nem para decidir a hora de sair. Limpou o rímel com um disco de algodão. Da última vez em que estivera na cama com Nathaniel, vários meses atrás, ou algo assim, ele dissera: “Não posso acreditar que você deixe um desleixado que nem eu se deitar ao seu lado.” Ela esfregou o rosto com uma toalha. Também não podia acreditar que o deixara fazer isso. Três cactos descan-

savam no parapeito da janela como soldados cansados, esperando instruções. Ela colocou um dedo contra o espinho amarelo do maior deles e empurrou para sentir a picada, mas o espinho estava mole e caiu com o seu toque. Os cactos estavam precisando de cuidados. Ela foi à cozinha.

Filhos em primeiro lugar. É assim. Se houvesse um concurso, um processo de seleção ou um sistema de classificação, os filhos sempre ganhariam. A prioridade: os meninos. Aflitos, aparentemente, com noites interrompidas, acordando o tempo todo para checar se o papai ainda está ali, para verificar que ele continua respirando no quarto, que sua mão continua perto da cabeça deles e que eles nunca serão deixados sozinhos no escuro. Seus sonhos são assustadores — monstros, piratas e solidão —, assim como os pensamentos que ainda não conseguem controlar ou articular direito. A última coisa que querem é que o papai desapareça e vá até a garagem para fumar cigarros por algumas horas no meio da noite.

As palmas das mãos dela coçavam, ora quentes ora frias. Tudo dera certo com Nathaniel por algum tempo, o equilíbrio de liberdade e intimidade. *Você é um espírito livre, Frie. Você vem. Você vai.* A viagem e o pouso; sua impulsividade próxima, calorosa e profunda. Aquilo costumava deixar seu corpo leve e sua existência diária irreal e imaterial, de modo que não importava que ele não estivesse presente na maior parte do tempo. Frieda estava no comando, naquela época, quando Nathaniel falou em largar a mulher para ficar com ela, mas ela recusou. Não queria os corações magoados de três menininhos pesando em sua consciência. Mas era mais que isso. Ele era um desses homens que precisavam de cuidados, como seus cactos despedaçados. E ela não queria saber disso.

Ficou parada junto à pia da cozinha. *Sua primeira noite de volta e ele não aparecera.* O ar frio de setembro entrava por algum lugar. Lá fora passou um trem com destino à Victoria Station. Os cabos de eletricidade acima da linha férrea piscavam, criando um traço de luz que cortou o rosto e o pescoço de Frieda como um laser, deixando-a exposta por um segundo, uma radiografia pendurada contra a luz e então jogada de novo imediatamente à escuridão. Era um alívio estar em casa. A última viagem e o último hotel não foram nada divertidos: hotel quatro estrelas, mas sem serviço de quarto e com frigobar vazio. Vans da polícia e do exército passavam em volta da praça em frente ao hotel e alto-falantes berravam instruções. A internet de toda a região fora desligada pelas autoridades e as ruas estavam vazias, a não ser pelos soldados andando em grupos de oito, levando escudos antichoque. Ela permanecera junto à janela olhando o telefone como se ele fosse um coração partido na sua mão. O telefone dava sinal de desconectado toda vez que ela ten-

tava fazer uma ligação internacional. Uma espécie de distúrbio civil, mas Frieda não tinha como saber o que estava acontecendo; só sabia que não devia estar ali. Onde? Não importava realmente. As cidades estavam se tornando uma só, agora. Era apenas mais um lugar sem segurança para ela, sendo inglesa e mulher. Na verdade, o maior problema era ser inglesa. Nos táxis sempre dizia aos motoristas que era irlandesa. Ninguém mais detesta os irlandeses.

Tinha reservado o primeiro voo possível de volta para casa, e durante toda a longa viagem pensara em Nathaniel. No saguão do aeroporto — aquela zona existencial para o viajante solitário — ocorreu-lhe que ultimamente o equilíbrio do controle era ambíguo. A irresponsabilidade de Nathaniel lhe causava uma frustração brutal, quase paralisante. Sentia algo novo em si mesma, e com horror percebeu que era carência ou, pior ainda, um desejo de estabilidade. Pela primeira vez, seu trabalho não era suficiente.

Ouviu uma tosse do lado de fora. Droga. Logo agora que tinha tirado toda a maquiagem. Caminhou em direção à porta, mas parou. Ouviu a tosse outra vez. Não era Nathaniel. Esperou um longo instante e então andou em silêncio até o olho mágico. A luz estava acesa no vão da escada, e ela viu um homem sentado no chão em frente à sua porta, com as costas na parede e as pernas esticadas. Seus olhos estavam fechados, mas ele não parecia dormir.

Frieda pulou para trás com o coração batendo forte no peito, mas não resistiu e espiou de novo. O homem estava de frente para ela agora, como se pudesse vê-la através da porta. Ela achou que ele ia se levantar, vir na sua direção, mas ele olhou para a própria mão e não se mexeu. Segurava uma caneta.

Frieda voltou para a cozinha o mais silenciosamente possível. Em um quadro de avisos na parede, havia o telefone dos City Guardians, um grupo de voluntários responsável pela limpeza das ruas e retirada de mendigos. Será que devia ligar para eles ou para a polícia? A porta tinha tranca dupla, mas se ela pusesse a tranca agora ele ouviria e ela estaria apenas chamando atenção para si mesma. Em vez disso, foi para a sala e voltou para a janela. O grupo de jovens com celulares não estava mais na rua, e parecia não haver restado ninguém lá fora, só a chuva, o concreto encharcado e os galhos de árvores sacudindo sob a água. De vez em quando ela ouvia a tosse vindo da escada. Uma raposa esquelética e com pelo ralo esgueirou-se por baixo das caçambas. Frieda olhou para a rua deserta e molhada e tomou uma decisão. Tirou de um armário um travesseiro e um cobertor. Deu mais uma olhada. O homem estava enroscado no chão agora; só dava para ver suas costas curvadas, a jaqueta de couro e a parte de trás do cabelo preto.

Era sem dúvida desaconselhável deixá-lo saber que ali morava uma jovem, provavelmente sozinha, mas ela abriu a porta mesmo assim. O homem imediatamente ergueu o corpo até se sentar e olhou para ela. Tinha um bigode, os olhos estavam sonolentos e o rosto não era desagradável. Frieda não disse nada, não sorriu, só lhe entregou o travesseiro e o cobertor e fechou a porta depressa. Cinco minutos depois, espiou de novo pelo olho mágico. Ele estava sentado com o cobertor enrolado nas pernas, encostado na parede com o travesseiro por trás da cabeça, fumando.

Pela manhã, ela encontrou o cobertor dobrado com o travesseiro em cima, e na parede ao lado da sua porta havia um grande desenho de um pássaro: bico longo, pernas peculiares e rabo com penas. Não soube identificar que pássaro era. Havia umas palavras em árabe e, embora ela tivesse um conhecimento rudimentar da língua, não conseguiu entender o que diziam. Abaixo, vinha escrito em inglês:

*Como o grande poeta diz, você está aflita,  
como eu, com a jornada de um pássaro.*

Ao lado do pássaro, havia uma enorme quantidade de penas de pavão, formando uma espiral, e junto um intrincado desenho de um barco feito de um bando de gaivotas, que voavam para longe formando um pôr do sol. Frieda saiu no corredor e deu uma boa olhada. Tocou as marcas pretas com o dedo, e debruçou-se do corrimão para olhar o espiral da escada. O faxineiro estava no andar térreo com seu esfregão. Ergueu os olhos para ela e acenou com a cabeça.